

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA

RONALDO GONÇALVES DE OLIVEIRA JÚNIOR

Análise Lógico-Filosófica do Paradoxo “O Dominador”

Uberlândia

2021

RONALDO GONÇALVES DE OLIVEIRA JÚNIOR

Análise Lógico-Filosófica do Paradoxo “O Dominador”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Área de concentração: Lógica

Orientador: Prof. Dr. Marcio Chaves-Tannús.

Uberlândia

2021

RONALDO GONÇALVES DE OLIVEIRA JÚNIOR

Análise Lógico-Filosófica do Paradoxo “O Dominador”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Área de concentração: Lógica

Uberlândia, 24 de setembro de 2021.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcio Chaves-Tannús – IFILO (UFU)

Prof. Dr. Alexandre Guimarães Tadeu de Soares – IFILO (UFU)

Dedico este trabalho à minha família, ao meu orientador, à minha namorada e aos meus amigos, pelo amor, fé e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos santos que cuidam de mim; ao professor e amigo Marcio Chaves-Tannús pelo incentivo, a motivação e a orientação nesta caminhada acadêmica. Agradeço à minha irmã, Marcella, pelo apoio e companheirismo; aos meus pais, Ronaldo e Ronéia, pelo carinho e ternura; à minha namorada, Glacy Kelly, pela parceria e fé; ao amigo Matheus Vinaud pelas aulas de português e pela fiel amizade e ao meu cunhado, Igor, pelas instrutivas discussões. Agradeço também aos profissionais Ciro e Ericksen por toda ajuda durante os anos do curso. Agradeço aos fieis Dudu, Steve, Danny, Sheen, Pituxa e Max por todo amor incondicional dispensado ao longo dos anos. Por fim, agradeço à minha nação, a República Federativa do Brasil, por fazer parte deste inevitável país.

“The woods are lovely, dark and deep,
But I have promises to keep,
And miles to go before I sleep,
And miles to go before I sleep.”

- Robert Frost

RESUMO

O paradoxo do “Dominador” é um problema da Grécia Antiga acerca do qual trataram Aristóteles, os megáricos, entre outros. Acredita-se que Diodoro de Cronos, dialético da escola de Mégara, criou esse raciocínio para endossar sua teoria do possível e, talvez, até mesmo para tentar atacar o sistema filosófico de Aristóteles, segundo P.-M. Schuhl. No presente trabalho, na tentativa de melhor compreender o paradoxo e a discussão que o envolveu, assim como sua relação com as ideias aristotélicas e a visão de Schuhl acerca do debate, realiza-se uma tradução de parte da obra *Le Dominateur et les possibles*, bem como uma análise filosófica e comentários explicativos sobre o conteúdo traduzido. O resultado que se produz é uma leitura crítica das referidas posições, do problema e do modo como P.-M. Schuhl vê a questão, assim como uma tradução original de um texto ainda não publicado em português, facilitando o acesso àqueles interessados. No final, mostra-se a fragilidade da acusação de Diodoro a Aristóteles.

Palavras-chave: Lógica, Aristóteles, Paradoxo, Diodoro, Dominador.

ABSTRACT

The “Dominator” paradox is an Ancient Greek problem in which Aristotle, the Megarian philosophers, and others have worked on. Diodorus Cronus, dialectician of the Megarian School, is said to have created this reasoning to sustain his theory of possible, and maybe to invest against the Aristotelian system, as P.-M. Schuhl relates. In an attempt to better understand the “Dominator” paradox, the discussion involved in it, its relation with the Aristotelian ideas, and Schuhl’s approach in this debate, this work brings a partial translation of the book *Le Dominateur et les possibles*, a philosophical analysis of it, and comments to explain the translated content. The result is a critical reading of Aristotle and Diodorus positions, of the problem, the way P.-M. Schuhl understands the question, and a translated version of a text not yet published in Portuguese for those who are interested. In the end, the fragility of Diodorus accusation against Aristotle is shown.

Keywords: Logics, Aristotle, Paradox, Diodorus, Dominator.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBSERVAÇÃO À TRADUÇÃO	12
3	TRADUÇÃO	13
3	DESENVOLVIMENTO.....	22
4	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho será estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, encontrar-se-á a tradução integral da primeira seção (pp. 7-13) da primeira parte – intitulada “*Restitution du Dominateur et des controverses qu’il a suscité dans l’antiquité*” -, e parcial da primeira seção (pp. 31-41) da segunda parte – denominada “*Interprétation du Dominateur*”, da Obra *Le Dominateur et les possibles*, de P.-M. Schuhl. Em seguida, no segundo capítulo, há um comentário explicativo do conteúdo traduzido. Na terceira parte, por fim, encontrar-se-á a conclusão do trabalho, seguida das referências bibliográficas.

O objetivo deste é examinar a discussão de um paradoxo da Antiguidade Grega conhecido como “Dominador” (κυριεύων λόγος), sob a perspectiva de P.-M. Schuhl e da análise que ele faz das posições de Aristóteles e de seus opositores megáricos. A discussão inicia-se com um problema histórico: os filósofos e autores que trataram do problema furtaram-se a enunciá-lo, referindo-se apenas à sua denominação. Isso se deve à grande fama que o paradoxo possuía naquela época, quando se acreditava que todos o conheciam. Seu nome pode derivar deste fato, isto é, de sua popularidade, ou mesmo das consequências de suas conclusões.

Uma das reconstituições possíveis, a de Epiteto (55-135 d.C.), possui três enunciados, sendo: 1- “Tudo que é passado é **necessariamente verdadeiro**”. 2- “Do possível não procede **o impossível**”. 3- “É possível o que não é verdadeiro e **nem o será**”. Eduard Zeller (1814–1908 d.C.), por sua vez, afirma que se trata de “um raciocínio hipotético no formato modus tollens”, na seguinte formulação: “Se alguma coisa era possível que não é nem o será, um impossível resultaria de um possível. Ora, um impossível não pode resultar de um possível. Logo, nada é possível que não o é nem o será.”

Quais são as ideias de Aristóteles e dos megáricos acerca do “Dominador” e quais as consequências e questões decorrentes delas? O problema colocado pelo “Dominador” recai na questão dos Futuros Contingentes, isto é, a discussão acerca da necessidade ou contingência dos eventos futuros. Aristóteles, ponto chave da polêmica, inicia uma grande discussão com seus adversários megáricos acerca do paradoxo.

Este trabalho de conclusão de curso foi concebido como a primeira etapa de um projeto científico mais amplo, que visa à publicação futura de uma edição bilíngue e comentada do livro de Schuhl. Planeja-se que este se estenda ao mestrado e ao doutorado, quiçá a um eventual pós-doutorado. Para a composição deste estudo, optou-se por utilizar a obra original de Schuhl como base, bem como sua tradução parcial – que pode ser encontrada no capítulo primeiro,

intitulado “Tradução” -, criada para facilitar a feitura deste trabalho, dar início ao projeto supramencionado, possibilitando uma leitura e uma redação mais rigorosas, bem como uma ocupação em profundidade com o texto escolhido e também auxiliar eventuais futuros pesquisadores que se aventurarem por temas semelhantes. A escolha das partes traduzidas foi baseada no fato de que o texto original, a partir da página 41 – a última traduzida -, desvia-se demasiadamente do tema delimitado para esta pesquisa. Portanto, decidiu-se que melhor seria não incluir as páginas subsequentes no presente trabalho. Vale notar também que se buscou uma maior literalidade na tradução, almejando conservar ao máximo o sentido original das sentenças e expressões e dos termos utilizados.

No capítulo “Desenvolvimento”, o leitor encontrará uma explanação detalhada do problema do “Dominador”, começando com uma rápida explicação de suas origens e das questões acerca de sua reconstrução. Alexandre de Afrodisia (198–209 d.C.) atribuiu a Diodoro de Cronos (-284 a.C.) a criação do “Dominador”. Eduard Zeller, então, baseia-se na obra de Epiteto (50-135 d.C.) e faz sua própria reconstrução do problema. Schuhl, na página 33 do texto original, afirma, sem, contudo, fornecer indicações mais precisas sobre as respectivas passagens, que os trabalhos de Maier e Zeller demonstram que as proposições do “Dominador” já estavam todas nas obras de Aristóteles.

Zeller, como já mencionado no 3º parágrafo desta, acredita que Diodoro usa a redução ao absurdo para estabelecer sua tese. Schuhl, na página 11 de sua análise, enxerga duas possibilidades: ou o problema era enunciado da maneira como Zeller supõe, ou ele possuía várias formas distintas. Em seguida, o leitor irá se deparar com as acaloradas discussões entre Aristóteles e os megáricos, pelo intermédio das pesquisas feitas por P.-M. Schuhl.

Schuhl diz, na página 36, que os megáricos optaram por uma abordagem mais próxima à de Parmênides, afirmando que o Ser é uno, e tudo aquilo que não é Ser é Não Ser. Ainda conforme Schuhl, na página 37, Aristóteles, por outro lado, utilizar-se-ia da formulação dos conceitos de ato e potência para oferecer uma solução ao problema. O filósofo de Estagira pensa, entre o Ser e a noção do Não Ser - tida por Schuhl como vazia, como ele afirma na página 37 -, a existência do Ser em Potência.

Dessa forma, problemas, como a imobilidade do Ser, são sanados – como se vê nas páginas 36 a 39 da explanação de P.-M. Schuhl -, ainda que outros, de acordo com Diodoro ou seu precursor, como a compatibilidade da ideia do Ser em Potência com o resto do sistema aristotélico persistam, como afirma Schuhl na página 39. E outros, ainda, como a contingência do futuro, sejam levantados. Este trabalho, por fim, busca explicitar e examinar as posições de

Aristóteles e dos megáricos – especialmente a de Diodoro -, jogando luz a uma questão que até hoje sobrevive e repercute nas mais diversas áreas do saber.

Ao examinar o segundo capítulo deste, notar-se-á que se optou por não se formular uma tese relativa ao debate entre Aristóteles e os megáricos, isto é, preferiu-se fazer uma exposição descritiva, acompanhada de breves explicações e análises. O motivo, além do fato de ser apenas a primeira etapa de um projeto maior – razão anteriormente exposta -, é que os problemas apresentados e explicados são demasiado complexos e exigem igual complexidade de explicação e compreensão. O próprio formato e propósito de um Trabalho de Conclusão de Curso limitam tal empreitada, isto é, o esgotamento sistemático das questões relativas ao tema.

2 OBSERVAÇÃO À TRADUÇÃO

No presente trabalho, optou-se, em primeiro lugar, por traduzir apenas as notas de rodapé, ou trechos delas, tidos como indispensáveis ou úteis à compreensão das passagens traduzidas; em segundo lugar, por reproduzir somente as fontes bibliográficas consideradas imprescindíveis. Os segmentos citados em grego ou latim serão omitidos.

Dadas a legibilidade e a fácil compreensão das normas técnicas utilizadas pelo autor e, sobretudo, a inviabilidade de uma transposição completa delas para o padrão atualmente prescrito no Brasil pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), decidiu-se por manter, sem modificações, nas notas de rodapé, todas as convenções e usos do original francês.

A exemplo de P.-M. Schuhl, optou-se por traduzir os títulos das obras de Aristóteles e Platão citados nas notas de rodapé. Os números acrescentados após os títulos (entre parênteses) e nas margens, à esquerda, reproduzem a paginação do texto traduzido.

As passagens de Aristóteles citadas no “Desenvolvimento” foram retiradas do texto de P. -M. Schuhl, em francês, e traduzidas para o português. Para as exceções forneceu-se a fonte utilizada e, quando possível, o tradutor.

3 TRADUÇÃO

O Dominador (7-13)

1. – O raciocínio Dominador (κυριεύων λόγος) era famoso dentre todos os sofismas na Antiguidade, e frequentemente se interpreta o nome, sob o qual ele é designado, como uma alusão a essa primazia¹. Ele não era apenas um desses argumentos que se amava discutir à mesa, enquanto se frequentava as escolas dos dialéticos, para deslumbrar o público, que prontamente adquiria enxaqueca².

Muitos filósofos autênticos se ocuparam com ele e lhe consagraram mesmo obras particulares. Infelizmente, os autores que o mencionam se contentam quase sempre em nomeá-lo, sem nos dizer em que ele consiste. Sem dúvida, ele era tão propagado que se poderia supor ser conhecido do leitor, de tal maneira que foi devido à sua própria celebridade que ele deveria ser tão mal conhecido dos modernos. Assim, Gassendi – ou Gassend se se preferir³ – que dele não encontrou exemplo em nenhuma parte, para dar uma ideia do que ele poderia ser, teria devido imaginar *a priori* uma restituição fantasiosa dele⁴.

2.- Contudo, certas passagens dos comentadores nos dão informações gerais sobre as origens e as tendências do argumento. Sem dúvida, elas precisam ser interpretadas. Mas, desde já, elas nos permitem situar o argumento com uma exatidão maior do que se fazia outrora: ele era, com efeito, atribuído aos estoicos⁵. Ora, Alexandre de Afrodísia nos ensina que o κυριεύων era devido a um filósofo chamado Diodoro⁶, que nos é muito conhecido, aliás, como tendo pertencido à escola de Mégara: através de seu mestre Apolônio de Cirene, apelidado Cronos - como foi chamado ele mesmo mais tarde - e discípulo de Eubulide, ele se vinculou, com efeito, a Euclides⁷. Sua reputação de dialético era tão grande que ela atraiu para perto dele Arcésilas e Zenão de Cítio. Há algum tempo, Victor Brochard escreveu, em seu artigo “Diodoro Cronos” da *Grande Encyclopédie* que “sob sua aparência sofisticada, e com uma sutileza que lembrava

¹ Nós mostraremos que uma outra interpretação é possível e preferível. Nota do tradutor: cf. nota 12.

² Cf. PLUTARCO, *Quaestionum Convivialium*, I, 615 A.

³ Cf. Tannery, DESCARTES, Oeuvres, t. XII, p. 85 a.

⁴ Raciocinando por analogia com o Aquiles, Gassendi pensa que ele era chamado o Dominante.

⁵ LUCIANO, em *Les sectes à l'encan*, 22 (a.287), atribui a Crísipo a enumeração dos sofismas que ele pode ensinar.

⁶ ALEX., *In An. pr.*, I, 15 (34 a 12), ed. Wallies, p. 184, 1-6.

⁷ Cf. DIOG. L., II, 111, e ESTRABÃO, XIV, 658 e XVII, 838 (citados com outros textos relativos a Diodoro por MÉNAGE em seu comentário a Diógenes Laércio, ed Huebner, Comm.¹, p. 435). Ele nasceu em Iasos, na Cária, e morreu entre 305 e 295. Lembremos que Aristóteles morreu em 322, Zenão em 264 : Diodoro pertence pois à geração intermediária. Para mais detalhes, cf. STEINHART, art. “Diodore” em l’*Encyclopédie* de ERSCH e GRUBER. Nota do tradutor: não confundir com o matemático. Cf. página 29 do Desenvolvimento.

Zenão de Eléia, um de seus predecessores, Diodoro Cronos colocou e discutiu, com profundidade, alguns dos mais graves problemas da filosofia”, e, mais recentemente, Léon Robin chamou-o de “o príncipe da dialética”⁸. Atribui-se a ele, com efeito, argumentos acerca do movimento muito parecidos àqueles de Zenão⁹ (nós seremos levados a examinar, em seguida, as relações entre os Megáricos e os Eleátas), e, por outro lado, uma teoria do possível, segundo a qual só se deve julgar como tal o que é verdadeiro ou o será. É precisamente para estabelecer esta tese que, segundo Alexandre de Afrodisia, Diodoro inventou o κυριεύων¹⁰. Se isso é assim, concebe-se que este nome seja uma alusão, não à sua proeminência sobre os outros sofismas, como o diz a opinião corrente e, nem como acreditava Gassendi, ao papel que nele desempenha a ideia e a palavra “dominação”¹¹, mas antes ao caráter *dominador* dessa teoria, que submete a atividade humana ao jugo de uma inflexível necessidade¹².

3.- Esta hipótese é confirmada por um texto essencial das *Conversações de Epiteto*¹³, que permitiu a Zeller reconstituir o κυριεύων. Nós veremos que a palavra “dominação” não foi pronunciada. Segue a tradução dessa passagem: “Me parece que as bases sobre as quais se funda, para estabelecer o κυριεύων λόγος, são do gênero que eu direi. Estando dado, com efeito, que há um antagonismo entre as três proposições seguintes: ‘Tudo que é passado é **necessariamente verdadeiro.**’ – ‘Do possível não procede **o impossível.**’ – ‘É possível o que não é verdadeiro e **nem o será.**’” – Diodoro, na presença desse antagonismo, aproveitou-se da semelhança das duas primeiras para demonstrar que: “Não é possível o que não é verdadeiro e **nem o será.**”

Este texto nos dá mais do que simples indicações. Partindo dos dados que ele nos fornece, Zeller conclui que se trataria de “um raciocínio hipotético no formato modus tollens”¹⁴ do seguinte tipo: “Se alguma coisa era possível que não é nem o será, um impossível resultaria de um possível. Ora, um impossível não pode resultar de um possível. Logo, nada é possível que não o é nem o será. A premissa menor deste raciocínio”, continua Zeller, “é dada como evidente. A premissa maior hipotética, pelo contrário, demandaria uma prova: ele a encontra na

⁸ SEXTUS EMPIRICUS o chama διαλεκτικώτατος (*Adv. Malh.*, I, 310), e CÍCERO, “valens dialecticus” (*De fato*, VI, 12).

⁹ Cf. SEXT. EMP., *adv. Malh.*, X, 85 (nº236 em RITTER e PRELLER); *Hyp. Pyrrh.*, II, 242. Estes argumentos são expostos por ZELLER, *Ph. Des Grecs*, II, 1³, p. 247-249. Cf. C. J. de VOGEL, *Greek Philosophy*, I, p. 158, nº 232.

¹⁰ AL., *In An.* pr. I, 15 (34 a 12).

¹¹ Cf. *supra*, p. 8, n. 3, e GOMPERZ, II, 207, n. 1.

¹² Não é, portanto, com Aquiles, como fazia Gassendi, mas com o “Sofisma Preguiçoso”, por exemplo, que seria preciso comparar o Dominador: é pela consequência prática que resulta da conclusão que se caracteriza o argumento.

¹³ EPITETO, *Diss.*, II, 19, I, 70^v (SCHENKL, p. 169)

¹⁴ ZELLER, C, p. 254.

proposição que enuncia a necessidade do passado. Pois, se, de dois fatos que se excluem, um se produz, a possibilidade do outro é suprimida: com efeito, o que já aconteceu não pode ser mudado. O segundo fato é, portanto, agora, impossível: se ele foi possível anteriormente, um impossível teria advindo, segundo Diodoro, de um possível”.

12 4.- É muito provável que o κυριεύων tenha sido enunciado nessa forma; deste modo, Diodoro teria, com efeito, como o destaca Zeller, estabelecido sua tese “por via indireta, seguindo o costume megárico, por meio da refutação dos contraditórios opostos”¹⁵. É possível também, aliás, que se tivesse feito variações sobre este tema, de modo a apresentá-lo de muitas maneiras diferentes, como se fez com um argumento próximo ao do Dominador, o θεριζών ou “Ceifador”, que o completa e sobre o qual nós seremos levados mais tarde a fornecer alguns detalhes¹⁶; nós sabemos, com efeito, que Zenão de Cítio deu duzentos dracmas a um dialético que lhe ensinou sete formas dele¹⁷.

13 O importante, aliás, é que nós temos aqui a mola propulsora, o nervo do argumento. Ele consiste essencialmente em considerar os fatos que virão, não *sub specie aeternitatis* [sob o ponto de vista da eternidade], mas, se se pode dizer, *sub specie praeteriti* [sob o ponto de vista do passado]. O evento que realizarei amanhã me parece, hoje, possível, no sentido em que a não realização é igualmente possível. Mas depois de amanhã, este evento será um elemento imutável do meu passado, um fato necessário do qual o não cumprimento será a meus olhos uma impossibilidade. Mas se é inconcebível que uma possibilidade se transforme assim, de um momento para o outro, em uma impossibilidade, é necessário, evidentemente, se se deseja conservar a palavra possível, “designar com ela ou o que é ou o que não é” ainda, mas que será. Assim, minha presença em Corinto é possível se eu lá estou ou se devo para lá ir; senão, ela é impossível. É possível que a criança se torne um gramático se ela deve se tornar¹⁸ – seria necessário poder dizer “se ela o tornará”, e esta violência à sintaxe mostra o quanto esta teoria é contrária às noções comuns que a língua registrou. Quando ela o for, será verdade dizer que ela o é; desde agora, é verdade dizer que é possível que ela venha a sê-lo, isto é, que ela o será, e que ela virá a sê-lo necessariamente. A verdade do futuro é tão imutável quanto a do passado. Por não ser aparente, essa imutabilidade não é menos real. Cícero havia indicado a correlação que existe entre a concepção diodoriana do possível, que estabelece o Dominador, e a tese da

¹⁵ Nota do tradutor: Do ponto de vista lógico, o correto seria dizer: “por meio da refutação do [enunciado] oposto contraditoriamente”, assim como está no original alemão citado por P. –M. Schuhl, na nota de rodapé nº3 da p. 11.

¹⁶ Cf. *infra*, p. 18.

¹⁷ Cf. DIOG. L., VII, 25.

¹⁸ Cf. ALEX., *In An. pr.*, I, 15 (34 a 12).

predeterminação dos futuros¹⁹. Esta observação vai nos permitir apreender o alcance das controvérsias que nós vamos examinar agora.

O Argumento na Perspectiva Aristotélica (31-41)

31 16.- Contrariamente ao que poderia parecer natural, nós não tentaremos inicialmente situar o Dominador na perspectiva de pensamento megárica a fim de determinar o alcance que lhe atribuíram aqueles que foram seus autores. Trata-se, com efeito, de doutrinas que conhecemos muito mal. Não somente os textos sobre os quais nos fundamos para os reconstituir comportam diversas interpretações entre as quais a escolha é difícil, mas não é sempre absolutamente seguro que os filósofos aos quais eles se referem sem os nomear sejam os Megáricos, como se conjectura. Para transformar essas probabilidades em certezas, seria preciso – coisa impossível – poder confrontar as informações que eles nos dão com a doutrina mesma sobre a qual nós lhes solicitamos de nos esclarecer. E, quanto aos argumentos, dos quais o elo interno não aparece à primeira vista, nos é difícil, não sabendo nada de exato sobre “as especulações das quais eles serviam de obras de defesa”²⁰, de conceber o papel que lhes foi atribuído.

32 Se, pelo contrário, começa-se por se colocar sob o ponto de vista de Aristóteles, vê-se esses argumentos, que pareciam disparates, se agruparem seguindo uma linha convergente que se adapta à filosofia do estagirita como um sistema de valas a uma fortaleza. Mas, enquanto os outros argumentos se limitam a desvelar a irrealidade das diferentes categorias da mudança reconhecidas por Aristóteles, o Dominador desfere um golpe mais profundo no coração mesmo do sistema, sacudindo a noção fundamental de potência.

Se esta relação não é puramente exterior e fortuita, nós devemos encontrar na obra de Aristóteles indicações preciosas que nos permitirão ir, na busca que nós empreendemos, do mais conhecido ao menos conhecido.

33 17.- Ora nós sabemos por Diógenes Laércio e por outros mais que houvera uma polêmica muito animada entre Aristóteles e o Megárico Ebulide²¹. Por outro lado, nós já vimos que na *Hermeneia* foi exposto e refutado um argumento que era estranhamente parecido ao Dominador. Os trabalhos de Zeller e de Maier nos permitem precisar mais ainda esses dados.

¹⁹ Cf. CIC., *De fato*, IX, 17.

²⁰ A expressão é de RENOUVIER, *l. c.*, cf. p. 3, n. 2. Nota do tradutor: o local citado (*l.c*) é aquele a que se refere uma nota precedente não reproduzida aqui.

²¹ D. L. II, 109.

Resulta, com efeito, de seus estudos que as proposições, sobre a incompatibilidade das quais se funda o Dominador, se encontram todas as três em Aristóteles:

I.- Na *Ética a Nicômaco*, ele declara que não se delibera jamais a não ser sobre o futuro e o contingente, não sobre o passado, que não pode não ser²²; e na *Retórica*, encontra-se que a crença se vincula ao que é ou não é, pois é sobre isso principalmente que existe demonstração e necessidade: ἔχει γὰρ τὸ γεγονός ἀνάγκη²³.

II.- No capítulo 13 dos *Primeiros Analíticos*, livro I, Aristóteles especifica que ele entende por contingente (ἐνδεχόμενον) “o que, sem ser necessário, é tal que, se se supõe que ele se realize, não haverá, por esse fato, nada de impossível”²⁴. Em outro lugar, ele diz que “uma coisa é possível (δυνατόν) se nada de impossível deve se produzir no caso em que se realizasse o ato do qual se lhe atribui ser a potência” (*Metafísica*, Θ, cap. 3 e 4).

III.- um pouco mais adiante nós encontramos isso: “Nada impede que uma coisa que tem a possibilidade de ser ou de vir a ser não seja nem deva ser²⁵”.

Essas coincidências são tão mais impressionantes que, como nota Maïer²⁶, as duas últimas proposições são tiradas da passagem mesma da *Metafísica* onde Aristóteles, como se verá, ataca nominalmente os Megáricos e opõe sua concepção de potência à deles.

Parece que se explica todos esses fatos sem os trair, dizendo que o Dominador foi uma resposta dos Megáricos ao ataque dirigido a eles por Aristóteles, do qual nós encontramos a resposta no capítulo IX da *Hermeneia*, que é considerada uma de suas últimas obras²⁷. Ora, Aristóteles morreu em 322, e Diodóro, do qual o mestre Apolônio foi discípulo de Eubúlido, por volta de 305: não é, portanto, inadmissível que o Dominador seja sua obra, ou ao menos que lhe deva sua forma definitiva²⁸.

II

Precisamos agora examinar um pouco mais de perto essa controvérsia e o papel que nela desempenha o Dominador.

²² VI, 2, 1139 b 7-9.

²³ Γ, 17, 1418 a 3-5.

²⁴ *Primeiros Analíticos*, I, 13, 32 a 18.

²⁵ Θ, 4, 1047 b 8.

²⁶ MAÏER, A, *Archiv*, 13, p. 31.

²⁷ Cf. MAÏER, A, *art. cit.*, p. 35 sq.

²⁸ Cf. MAÏER, A, p. 34.

18.- Os Megáricos, nos diz Aristóteles²⁹, pretendem que não haja potência a não ser quando há ato, e que quando não há ato, não há potência; por exemplo, aquele que não constrói não possui a potência de construir; só a possui aquele que constrói, e no tempo em que ele constrói; isso é assim para todo o resto.

35

Esta teoria leva a consequências absurdas³⁰. Ela torna incompreensível aos olhos daqueles que a adotam o fato de que os artesãos adquirem e exercem de uma maneira descontínua as técnicas das diferentes profissões³¹. Do mesmo modo, se se trata de objetos inanimados, tais como o frio, o calor, o doce, ela conduz necessariamente ao subjetivismo de Protágoras, pois é preciso negar a existência de toda qualidade sensível, mais ainda, da sensibilidade ela mesma para além da sensação³². De maneira que, se ser cego é ser privado da visão “ao tempo e sob todas as condições nas quais se é feito para possuí-la”, os mesmos seres serão cegos várias vezes no mesmo dia, e surdos também³³. Enfim, e de uma maneira geral, se não se tem potência, isto é, a possibilidade de ser que enquanto se é em ato, é impossível que seja jamais o que não é atualmente³⁴. Este raciocínio suprime, portanto, o movimento e o vir a ser, κáί κίνησιν κáί γένεσιν.

36

19.- Não há razão para recusar atribuir aos Megáricos as ideias que lhes imputa Aristóteles. Mas, se nós queremos ter uma ideia exata da discussão, é preciso nos recordar que Aristóteles tinha o costume de expor as teorias dos outros com a ajuda de seu próprio vocabulário filosófico³⁵. É extremamente pouco provável que os Megáricos tenham feito espontaneamente a distinção essencialmente aristotélica entre potência e ato: eles se limitavam provavelmente àquela do ser e do não ser, que Euclides tomou emprestado de Parmênides, o qual ele tinha estudado de muito perto as doutrinas³⁶. Ele as havia penetrado ao ponto de Cícero não ver nos termos “Eleátas” e “Megáricos” mais que duas maneiras diferentes de designar a mesma escola³⁷. Aliás, em um texto de Aristócles, peripatético do século II d.C³⁸, nós lemos que os filósofos de Megára, como antes deles Xenófontes, Parmênides, Zenão e Melisso, estimavam que o ser é uno, que o que é outro que não o ser não é, nem se produz, nem se destrói,

²⁹ *Metafísica*, Θ, 3, 1046 b 29.

³⁰ *ibid.*, b 33.

³¹ 1046 b 36-1047 a.

³² 1047 a 3-8.

³³ *ibid.*, 8-10.

³⁴ *ibid.*, 10-13.

³⁵ Cf. CHERNISS, *op. cit.* Nota do tradutor: a obra a que Schuhl se refere é *Aristotle's criticism of presocratic philosophy*.

³⁶ Cf. DIOG. L., II, 106.

³⁷ *Acad. pr.*, II, 42.

³⁸ Esse texto nos é relatado por EUSÉBIO, *Prép. Eu*, XIX, 17, p. 298.

nem se movimenta de nenhuma maneira. Como Parmênides, os Megáricos estavam, portanto, persuadidos de que é o desconhecimento do princípio de contradição que “faz com que se perca nos desvios sem saída das generalizações surdas e cegas”, multidões sem discernimento que confundem o ser com o não ser³⁹. E sem dúvida o princípio que descobriu o pensador de Eléia, suprimindo toda ambiguidade, introduziu no pensamento filosófico uma grande clareza. Mas, ao mesmo tempo, surgiram dificuldades consideráveis. Por exemplo, se é necessário que o que acontece venha seja do ser seja do não ser, nenhum ser pode se produzir, pois é igualmente impossível que ele provenha de algum dos dois: pois o ser não vem a ser, ele já é, e do não ser nada pode provir: é preciso que haja um substrato real⁴⁰. Chega-se assim a negar, tanto quanto a mudança, o movimento, a pluralidade etc. Para resolver estas dificuldades, Platão admitiu que o não ser é uma realidade substancial, na qual os seres participam ao mesmo tempo que no ser⁴¹. Aristóteles preferirá intercalar⁴² entre o ser e a noção vazia do não ser, tal como ela era concebida até então, o zero do pensamento sobre o qual nada se pode dizer, aquela noção do ser em potência. Com efeito, para Aristóteles, “além do corpo que é branco, que é *atualmente* branco (κατὰ τὴν ἐνέργειαν), não há simplesmente o corpo que não é branco; há o corpo que, não sendo branco de uma maneira atual, é suscetível de vir a ser branco; ser suscetível de vir a ser branco, já é, para Aristóteles, ser branco de uma certa maneira, ser branco *em potência* (κατὰ τὴν δύναμιν)”⁴³.

Vir a ser, não é, portanto, passar do não ser ao ser, o que, com efeito, seria incompreensível; é passar do ser em potência ao ser em ato⁴⁴, o que não apresenta nenhuma dificuldade, ainda mais que, entre estas duas maneiras de ser, há um degrau intermediário, o hábito, ἔξις, estado, por exemplo, daquele que possui a ciência sem a exercer⁴⁵. Resolve-se mesmo as outras dificuldades com a ajuda desta distinção: assim, ela permite conceber em qual sentido existe o infinito⁴⁶; ela permite igualmente definir o movimento⁴⁷. É um princípio de

³⁹ DIELS, *Vors.*, 28, fr. 6, linhas 6 sq.

⁴⁰ *Física*, I, 8, início do capítulo.

⁴¹ Cf. PLATÃO, *O Sofista*. Sobre as origens platônicas (e pré-platônicas) da noção de potência, ver a tese de J. SOUILHÉ, *Étude sur le terme ΔΥΝΑΜΙΣ dans les dialogues de Platon*, Paris, 1919 ; o texto mais importante é aquele do *Teeteto*, 197 b sq. (imagem do pombal) ; L. ROBIN, *Théorie platonicienne*, p. 533.

⁴² Sobre o caráter intermediário da potência, cf. ALEX., *In Met.*, Δ, 12, 1019 b 15.

⁴³ DUHEM, *Système du monde*, t. I, p. 152.

⁴⁴ *Física*, I, 8, 191 b.

⁴⁵ Sobre esse ponto, cf. HAMELIN, *Système d'Aristote*, p. 326-327 e 136-139, e ROBIN, *Aristote*, p. 34 e 83 (cf. toda a terceira parte).

⁴⁶ Cf. HAMELIN, *op. cit.*, p. 284, e L. ROBIN, *Théorie platonicienne*, p. 244 sq.

⁴⁷ Cf. *Física*, III, 1 : “O movimento é o ato daquilo que é em potência enquanto é em potência”, 201 b 4.

explicação que se aplica a todos os fenômenos: assinalamos, como caso particular, a teoria da sensação⁴⁸.

Sem nenhuma dúvida os fiéis discípulos de Parmênides deviam protestar contra o recurso a esta noção bastarda de um ser que já é sem ser ainda: não há ser que não seja, tudo o que é diverso do ser é não ser – dito de outra forma: ou a potência não é nada, ou ela se confunde com o ato.

20.- Em resposta a esta crítica, Aristóteles lhes mostra que, nessas condições, não se poderia explicar os fenômenos que ele explicou tão facilmente. Ele não contesta, aliás, que a tese deles seja justa em certas circunstâncias: isso é assim no caso dos seres eternos, nos quais a potência se confunde com o ato⁴⁹. Por exemplo, o sol, os astros e o céu inteiro estão sempre em ato⁵⁰. Mas esses são casos-limites. A natureza simples e necessária é apenas o ponto de partida ou, antes, o termo de toda uma hierarquia de seres mutáveis, que podem se aproximar mais ou menos daqueles casos (como por exemplo o fogo, que imita os corpos imperecíveis, e não comporta nenhuma outra possibilidade que não aquela que ele realizará)⁵¹, mas que estão todos submissos ao reino do devir, do crescimento e da morte. No mais baixo degrau da escala, o princípio de contradição⁵² não se aplica mais em todos os casos: trata-se, com efeito, de seres que não estão sempre em ato. Ora, o princípio de contradição vale apenas para o que é em ato. A característica essencial da potência é precisamente que o princípio de contradição não se aplica a ela: ela comporta tanto o ser quanto o não ser⁵³, e só se determina se realizando. Resulta de uma tal definição que o que pode ser pode também não ser jamais⁵⁴. “O indeterminado comporta sempre outras determinações que aquelas que ele recebe no mundo real”⁵⁵.

39

21.- É neste ponto preciso que intervêm a argumentação do κυριεύων. A discussão chegou a um ponto morto. Ao invés de opor simplesmente à ambiguidade da potência a alternativa dos Eleátas, como se tinha feito até então, Diodoro – ou seu precursor - tenta mostrar a Aristóteles que esta concepção está em contradição com o resto do sistema aristotélico.

Se o que pode ser pode também não ser, não se está no direito de considerar o impossível como um possível que não se realizou? Não, responde Aristóteles, pois um é falso

⁴⁸ Recordemos a célebre definição da sensação, ato comum da sensibilidade e do sensível. V. *De anima*, II e III começo; cf. HAMELIN, *op. cit.*, 377-382.

⁴⁹ *Física*, III, 4, 203 b 30.

⁵⁰ *Metafísica*, Θ, 8, 1050 b 22.

⁵¹ Cf. *Da Interpretação*, cap. 13, p. 22 b 29 sq. e *Metafísica*, Θ, 8, 1050 b 28.

⁵² Cf. *Metafísica*, Θ, 8, 1050 b 10.

⁵³ *Metafísica*, Θ, 3, 1047 a 20-24.

⁵⁴ Cf, ainda Θ, 4, 1047 b 8.

⁵⁵ BOUTROUX, *Aristote, études d'histoire de la philosophie*, p. 204.

40

necessariamente, e o outro sem necessidade⁵⁶. A impossibilidade é imanente ao fato impossível, anterior à constatação que dela se faz. “Eu falo, por exemplo, de alguém que pretenderia que seja possível encontrar uma medida comum da diagonal e do lado acrescentando que, contudo, a mensuração pela medida comum não será realizada. Ele não refletiria que a impossibilidade existiria, não obstante, pois, se nada impede que alguma coisa possível, contudo, não seja nem deva ser, a impossibilidade, pelo contrário, deve derivar necessariamente do que foi posto, muito embora admitamos, por outro lado, que porque não se seguirá nenhuma impossibilidade, o que não é, mas que é possível, pode ser ou acontecer. No caso do qual nós falamos, a impossibilidade terá lugar, pois a medição é impossível”⁵⁷. Assim, portanto, o impossível não procede do possível⁵⁸; ele é aquilo do qual o contrário é necessário.

Ora, Aristóteles, nós o vimos, declara repetidamente que o passado é necessário⁵⁹; no livro Z da *Ética a Nicômaco*, ele cita, aprovando-os, dois versos do poeta Agatão, rival de Eurípedes, que Platão fez um dos interlocutores de seu *Banquete*:

“Tal é o único poder de que Deus seja privado: fazer que não aconteça o que já está consumado⁶⁰”.

41

Se, portanto, todo evento acontecido é necessário, o contrário dele é impossível; e a partir de então o raciocínio se constrói por ele mesmo: se nós devemos dizer que a comensurabilidade da diagonal e do lado era impossível antes mesmo que nós tivéssemos malogrado na busca de uma medida comum, é preciso admitir também que o contrário do evento passado era impossível já antes que ele acontecesse. Somente era possível, isto é, realizável, aquele que necessariamente deveria se realizar.

⁵⁶ Cf. *Metafísica*, Δ, 12, 1019 b 21 sq. É impossível algo do qual o contrário é necessariamente verdadeiro; quanto ao contrário (do impossível), que é o possível, ele ocorre quando o contrário não é necessariamente falso; por exemplo, o fato de que um homem esteja assentado é possível, porque não é necessariamente falso que ele não esteja assentado.

⁵⁷ *Metafísica*, Θ, 4, 1047 b 6.

⁵⁸ Na sequência da passagem que nós acabamos de citar, Aristóteles declara que se a existência de A acarreta a de B, a possibilidade de A tem por efeito igualmente a possibilidade de B. “É reconhecer, diz Hamelin, que seria absurdo dizer: se A é possível, B é impossível, ou, em outros termos, em fazer resultar o impossível do possível”. *l. c.*

⁵⁹ Cf. *supra*, notas 22 e 23.

⁶⁰ Z, 2, 1139 b 8.

3 DESENVOLVIMENTO

P.-M. Schuhl inicia na página 7 do texto original sua explanação se referindo ao nome do problema: o “Dominador” (κυριεύων λόγος). Seu nome pode ser devido tanto à sua proeminência no Século IV a.C – segundo Pierre Gassendi⁶¹ -, quanto às consequências práticas de suas conclusões – como acredita Schuhl⁶².

A fama que tal questão possuía se devia ao fato de ser conhecida por uma ampla gama de filósofos e autores daquela época, sendo sempre motivo de discussões acaloradas. Devido à sua reputação, os pensadores que tratavam dela se limitavam a citar seu nome, sem explicitar sua estrutura e seu exato conteúdo. Por causa disso, o problema inicial a ser examinado nos estudos sobre o “Dominador” deve ser sua reconstituição.

Segundo Schuhl, Gassendi – que se ocupou com a questão no século XVII - não encontrou uma definição clara e estruturada do problema, possivelmente imaginando *a priori* uma “restituição fantasiosa”. Luciano de Samósata (120 - 192 d.C.), filósofo romano nascido na Síria, atribuiu a Crísipo de Solos (281 - 208 a.C.), filósofo grego de vertente estóica, a enumeração dos sofismas – incluindo possivelmente o “Dominador” - que ele pôde ensinar, segundo consta na nota de rodapé número 5 da tradução anexa. Alexandre de Afrodisia (150–215 d.C), filósofo peripatético, afirmou que o problema do “Dominador” – ou κυριεύων λόγος, em grego – foi criado por Diodoro Cronos (???-284 a.C), dialético da escola de Mégara.

Diodoro foi chamado por Léon Robin de “o príncipe da dialética”, como nos mostra Schuhl⁶³. Ele – Diodoro – foi discípulo de Apolônio de Cirene, que por sua vez foi aluno de Ebulide. Eduard Zeller (1814-1908) expõe argumentos de Diodoro que são semelhantes àqueles de Zenão de Eléia (490-430 a.C.) acerca do movimento.

Schuhl afirma que, segundo Alexandre de Afrodisia, Diodoro criou uma teoria do possível, na qual só se deve julgar como verdadeiro aquilo que é ou será. O κυριεύων λόγος teria sido criado para estabelecer tal teoria. E daí conclui-se que o nome “Dominador” não se deve nem à sua proeminência e nem à ideia de dominação, como acreditava Gassendi, mas à inflexível predeterminação do futuro que deriva de suas conclusões.

Zeller se baseia em um texto das *Conversações* de Epiteto⁶⁴ (50-135 d.C.) para reconstruir o problema, onde a palavra “dominação” e suas variantes sequer aparecem. A partir

⁶¹ SCHUHL, Pierre-Maxime. *Le Dominateur et Les Possibles*, p. 8.

⁶² Ibid., p. 10.

⁶³ DIOGENES, L.; ESTRABÃO apud SCHUHL, 1960, p. 9.

⁶⁴ EPITETO apud SCHUHL, 1960, p. 11.

da reconstituição que fez, ele concluiu que se tratava de um raciocínio no formato *modus tollens*. Vejamos a seguir a passagem de Epiteto e a formulação de Zeller, apresentadas nas páginas 10 e 11 do texto original e reproduzidas no item 3 de minha tradução:

1. “Tudo que é passado é **necessariamente verdadeiro**.”
2. “Do possível não procede **o impossível**.”
3. “É possível o que não é verdadeiro **nem o será**.”

Zeller: “Se alguma coisa era possível que não é nem o será, um impossível resultaria de um possível. Ora, um impossível não pode resultar de um possível. Logo, nada é possível que não o é nem o será”. O problema, Zeller explica, reside no fato de que: se de duas possibilidades que se excluem mutuamente - como a previsão de que algo ocorrerá ou não no dia seguinte - uma se realiza, a outra, que antes era possível, torna-se impossível, visto que não se pode mudar o passado, que é necessariamente verdadeiro. Daí que um impossível resultaria, segundo Diodoro, de um possível.

Zeller acredita que Diodoro estabeleceu sua tese pela via da refutação do enunciado oposto contraditoriamente, isto é, pela demonstração da impossibilidade da tese oposta, chamada também de *redução ao absurdo*. É importante destacar um problema encontrado na tradução. Schuhl, na página 11, traduz “Widerlegung der contradictorisch entgegengesetzten” como “par réfutation des contradictoires opposés”. Optou-se, no presente trabalho, por manter a tradução de Schuhl, e adicionar uma nota explicativa – nº15 -, como se percebe na tradução feita para o português.

Schuhl vê duas possibilidades, em se tratando da reconstituição do problema: ou ele era enunciado da maneira como supõe Zeller, ou, ainda, de muitas maneiras distintas, como se fazia com problemas semelhantes. Figura, nesse último caso, o problema do “Ceifador”. Diógenes afirma que Zenão de Cítio pagou 200 dracmas a um dialético para que este lhe ensinasse sete maneiras diferentes de enunciar o mesmo problema.

Os fatos do futuro, argumenta Schuhl na página 12, devem ser considerados sob o ponto de vista do passado (*sub specie praeteriti*), e não sob o ponto de vista da eternidade (*sub specie aeternitatis*). Por isso, os eventos vindouros são possíveis na medida em que podem ou não se realizar. O que é problemático é que, a partir do momento em que um evento, antes possível, não se realiza, produz-se supostamente um impossível de um possível. Logo, poder-se-ia concluir que para que algo seja possível, ele deve se realizar no futuro, e, nesta conclusão, o possível se confunde com o necessário. A verdade seria, portanto, anterior à concretização da

possibilidade. De acordo com Schuhl na página 12 de seu texto: “A verdade do futuro é tão imutável quando a do passado. Por não ser aparente, essa imutabilidade não é menos real”.

Nota-se, na tradução para o português, que se optou por não traduzir a segunda seção dessa primeira parte, intitulada *Les Controverses*. A escolha se deve ao fato de que, para bem entender as controvérsias ao longo da história da Filosofia, é necessário compreender antes a questão que é o objeto delas, o que é o objetivo deste trabalho. Posto isso, na página 31 do texto original, Schuhl inicia a explanação do argumento na perspectiva aristotélica. Explanação que dá nome à segunda parte do livro. O autor opta por não começar seu estudo situando o problema do “Dominador” na perspectiva megárica, devido às várias dúvidas que existem acerca de quais filósofos seriam de fato megáricos, quais as interpretações corretas dos textos a eles atribuídos, mas que, via de regra, não chegaram até nós e a doutrina que realmente defendiam.

Por essa razão, Schuhl prefere tratar do “Dominador” em suas interações com a doutrina de Aristóteles. Além disso, segundo ele, o argumento expresso pelo “Dominador” é mais incisivo e profundo que outros argumentos megáricos. O “Dominador” vai de encontro à filosofia aristotélica, atacando a noção fundamental de potência, que é basilar em todo o sistema de pensamento de Aristóteles.

De acordo com Schuhl, os trabalhos de Maier e Zeller mostram que as proposições elencadas no “Dominador” já se encontram todas nas obras do estagirita:

Acerca da primeira premissa, é declarado, na *Ética a Nicômaco*, VI, 2, 1139 b 7-9, que só se delibera sobre o futuro e o contingente, visto que o passado não pode não ser e é, logo, necessário. Na *Retórica*, Γ, 17, 1418 a 3-5, é dito que só a problemática acerca do que é ou não é passível de crença, visto que a necessidade e a demonstração servem a isso.

Sobre a segunda premissa, nos *Primeiros Analíticos*, livro I, capítulo 13, 32 a 18, Aristóteles diz que contingente é o que não é necessário e que, se tal possibilidade vier a acontecer, nada de impossível se produzirá. Já na *Metafísica*, Θ, 3, 1047 a 23-25, ele diz que “uma coisa é possível se nada de impossível deve se produzir no caso em que se realizasse o ato do qual se lhe atribui ser a potência”⁶⁵.

Por fim, ainda na *Metafísica*, Θ, 4, 1047 b 8, Aristóteles diz que “nada impede que uma coisa que tem a possibilidade de ser ou de vir a ser não seja nem deva ser”⁶⁶. A passagem de onde foram tiradas as últimas proposições, diz Schuhl na página 33 do texto original, é ainda uma na qual ele ataca nominalmente os megáricos. Seria possível inferir, portanto, que o

⁶⁵ SCHUHL, Pierre-Maxime. *Le Dominateur et Les Possibles*, p. 33.

⁶⁶ SCHUHL, Pierre-Maxime. *Le Dominateur et Les Possibles*, p. 33.

“Dominador” foi uma resposta dos megáricos aos ataques feitos por Aristóteles e que, para bem entendê-lo, é preciso examinar esse particular debate.

Schuhl, então, inicia na página 34 do texto original o exame do confronto entre Aristóteles e os megáricos, bem como do papel desempenhado pelo problema do “Dominador”. Os megáricos afirmavam que não há potência quando não há ato e que, portanto, somente quando realizado em ato – e no momento em que se realiza -, pode-se dizer que alguém possui potência para tal coisa⁶⁷. Aristóteles, na *Metafísica*, Θ , 3, 1046 b 29, discorda de tal crença, argumentando que as técnicas são adquiridas de forma progressiva – ou descontínua – nas diferentes profissões. Além disso, um construtor não deixa de possuir a potência de construir quando não está construindo e nem a adquire subitamente ao tornar a construir. Aristóteles diz:

De fato, é evidente que não poderá ser construtor se não estiver construindo (pois o ser para construtor é ser capaz de construir) e semelhantemente para as demais técnicas. Ora, se é impossível possuir tais técnicas sem tê-las aprendido e adquirido em certo momento, e se é impossível não tê-las sem tê-las perdido em algum momento (ou por esquecimento, ou por algum sofrimento, ou pelo tempo, pois, certamente não é por destruir-se o assunto, pois este sempre é o caso) quando parar, não possuirá a técnica? E, ao subitamente estar construindo de novo, de que maneira a terá adquirido? (Θ , 3, 1046 b 29 – 1047 a 4)⁶⁸.

O argumento megárico, examinado e debatido por Aristóteles na *Metafísica*, leva a conclusões ainda mais extremas, de tal maneira que objetos inanimados, se vistos à luz de tal teoria, levam ao subjetivismo protagórico – onde o homem é a medida de todas as coisas -, pois o frio, o calor, o doce etc. só o são quando em ato. E, se não houver quem os perceba como tal, eles deixariam de sê-lo. Schiochett diz:

Se, para Aristóteles, uma força inanimada é algo que só faz sentido dentro do âmbito da percepção é algo que aqui ainda não se pode aprofundar. Mas levando em consideração o objetivo do filósofo em refutar a tese dos Megáricos, basta pensar tais forças em relação à força perceptiva. Para Aristóteles o quente, o frio, o doce são forças porque têm o poder de cair na percepção. Para os Megáricos, algo só pode ser potente para algo enquanto está empregando esse poder. Ora, isso para Aristóteles é absurdo, seria o mesmo que dizer que só há coisas perceptíveis enquanto há percepção. Cessada a percepção o sensível deixaria de ser. O que, para o filósofo antigo [Aristóteles], contraria a idéia de que os entes são em si mesmos e colocaria o homem como juiz de todas as coisas, como sustentara Protágoras (2009, p. 62).

⁶⁷ SCHIOCHETT, Daniel. *Ser e Verdade*, p. 59. Schiochett reafirma o que diz Schuhl na página 35 do texto original.

⁶⁸ Tradução de Lucas Angioni.

De acordo com Aristóteles, se algo não deixa de ser quando deixa de ser percebido, o mesmo vale para a potência da percepção, que não deixa de existir quando não está em atividade. Alguém apto a ver não deixa de possuir a visão quando fecha os olhos; e quem escuta não deixa de ser ouvinte quando está no silêncio, caso contrário, “os mesmos seres serão cegos várias vezes no mesmo dia, e surdos também”⁶⁹.

Cherniss, diz Schuhl na página 35 do texto original, afirma que “Aristóteles tinha o costume de expor as teorias dos outros com a ajuda de seu próprio vocabulário filosófico”, e Schuhl complementa dizendo ser mais provável que os megáricos usassem a distinção entre Ser e Não Ser – termos que Euclides usava por influência de Parmênides –, ao invés da entre potência e ato.

Euclides de Mégara (435-365 a.C.), filósofo grego, discípulo de Sócrates e fundador da escola megárica, dominava tanto as ideias de Parmênides, que Cícero identificava a escola de Eléia à de Mégara⁷⁰. Aristócles, peripatético do século II d.C., afirma que os filósofos de Mégara – e antes deles os eleatas - já defendiam a unidade do Ser e que a ignorância acerca do princípio da não contradição era a causa das “perda[s] nos desvios sem saídas das generalizações surdas e cegas”, como destaca Schuhl na página 36 do texto original, fazendo referência a Diels⁷¹.

Sendo, porém, o Ser imutável, e o Não Ser uma impossibilidade, a mudança e o movimento tornam-se impossíveis. Para sanar tal dificuldade, Platão afirma o Não Ser como uma substância real. Aristóteles, por outro lado, introduz a noção de potência como um estágio intermediário entre ambos. Há o corpo que é branco, diz Schuhl na página 36 do texto original, e o corpo que pode vir a ser branco e que, de uma certa maneira (em potência), já é branco. Não sendo um Não Ser, mas um Ser em Potência.

O vir a ser que a teoria aristotélica postula sana o problema do movimento, visto que não se trata de uma passagem do Não Ser para o Ser, mas uma passagem da potência para o ato. O hábito seria o intermédio entre estas duas maneiras de ser, pois ele seria o estado daquele que sabe fazer, mas não exerce a ciência. Hamelin mostra como o problema do infinito também pode ser superado pela ideia de Aristóteles, pois sendo uma continuidade uma sucessão de coisas que se ligam, a continuidade de uma grandeza qualquer pode ser dividida ao infinito⁷².

⁶⁹ ARISTÓTELES apud SCHUHL, 1960, p. 35.

⁷⁰ *Acad. pr.*, II, 42.

⁷¹ DIELS, *Vors.*, 28, fr. 6, linhas 6 sq.

⁷² HAMELIN, *Système d'Aristote*, p. 284.

Portanto, o infinito seria uma potência. Ou ainda o problema do movimento, que Aristóteles define como “o ato daquilo que é em potência enquanto é em potência⁷³”.

A ideia de ato e potência era absurda para aqueles que seguiam a doutrina de Parmênides, visto que, para eles, tudo que é diverso do Ser é Não Ser. Sob essa perspectiva, conclui-se que ou a potência não existe ou ela se confunde com o ato. Aristóteles afirma na *Física*⁷⁴ que a tese megárica não é sempre falsa, sendo verdade para os casos limites onde a potência e o ato se confundem, como no caso dos astros, que estão sempre em ato. Tais naturezas simples e necessárias, segundo Aristóteles, seriam o início e o fim de uma hierarquia dos seres mutáveis, onde alguns estão mais próximos e outros mais distantes desses corpos imperecíveis. Abaixo dos astros, no mundo sublunar, todos os entes estão sujeitos à geração e à corrupção, o que implica que estão sempre em movimento. O fogo – por exemplo -, na parte de cima dessa hierarquia, imita tais corpos imperecíveis e, por isso, não comporta outra possibilidade que não aquela que irá realizar. Porém, mais abaixo na hierarquia, o princípio de não contradição não vale de forma irrestrita, pois ele se aplica somente para o que é em ato, enquanto a potência comporta em si tanto o Ser quanto o Não Ser, determinando-se apenas quando se realiza, e possuindo – sempre – como possíveis outras determinações além daquela que virá a ser de fato, como afirma Boutroux⁷⁵. Isso significa, porém, que tudo o que é apenas possível – que existe somente em potência – tanto pode vir a ser, como não⁷⁶.

Diodoro – ou seu precursor - tenta mostrar, então, que a concepção de um Ser em Potência entra em contradição com o resto do sistema aristotélico. Ora, se o que pode ser pode também não vir a ser, pode-se, portanto, argumenta Diodoro, considerar o impossível como um possível que não se realizou. A distinção, para Aristóteles, entre o impossível e o possível que não se realizou, isto é, que não se converteu em ato, é que o primeiro é falso necessariamente, e o segundo é falso por contingência. O contrário do impossível é o que é necessariamente verdadeiro, mas o contrário do possível é o que não é necessariamente falso. Nas palavras de Schuhl, página 39: “A impossibilidade é imanente ao fato impossível, anterior à constatação que dele se faz.”

Aristóteles, na *Metafísica*⁷⁷, usando como exemplo a incomensurabilidade da diagonal pelo lado - isto é, a impossibilidade de se comparar a diagonal de um quadrado com seus lados

⁷³ ARISTÓTELES apud SCHUHL, 1960, p. 39. Nota de rodapé número 47 do original.

⁷⁴ Ibid., 4, 203 b 30.

⁷⁵ BOUTROUX, *Aristote, études d'histoire de la philosophie*, p. 204.

⁷⁶ SCHUHL, Pierre-Maxime. *Le Dominateur et Les Possibles*, p. 39.

⁷⁷ *Metafísica*, Δ, 12, 1019 b 21.

usando apenas números inteiros e suas razões -, afirma que no caso de tal medida não poderia se tratar de um possível que não irá se realizar, pois a possibilidade de realização, neste caso, inexistente de antemão e necessariamente. Trata-se, portanto, de um impossível, pois a não resolução é implicada necessariamente pelas condições postas⁷⁸. Dessa forma, o que aconteceu não foi que algo possível se tornou impossível, mas, sim, que tal medida já era impossível por definição. O impossível mantém-se como aquilo do qual o contrário é necessário. Aristóteles, citando Agatão (448-401 a.C), poeta ateniense, no livro Z da *Ética a Nicômaco*, declara que a única coisa que Deus não pode fazer é mudar o passado, reforçando a primeira premissa do problema do Dominador⁷⁹.

Retomando o argumento de Diodoro: se a busca pela medida da diagonal pelo lado já era impossível de antemão, faz-se necessário admitir também que o contrário de qualquer evento do passado era impossível. Logo, somente era possível aquilo que se realizou. O possível e o necessário, como se observa, tornam-se idênticos sob a ótica de Diodoro, não havendo espaço para a noção de potência neste raciocínio. Para Aristóteles, por outro lado, era possível tanto o que se realizou e tornou-se necessário quanto o que não se realizou, mas que poderia e pode se realizar.

Há que se ressaltar, porém, um aspecto importante do último parágrafo da página 41 do texto original: Schuhl, resumindo o que foi exposto, enuncia uma tese equivalente à de Diodoro como conclusão: “Somente era possível, isto é, realizável, aquele [evento] que necessariamente deveria se realizar”. Essa tese não é, contudo, decorrente das passagens de Aristóteles citadas anteriormente. Diodoro estaria com a razão no embate contra Aristóteles, caso assim fosse. Para que fosse atribuível a Aristóteles, a conclusão de Schuhl deveria ser, como segue, reescrita: “Somente era possível, isto é, realizável, aquele [evento] que poderia ter se realizado e, caso não tenha se realizado, pode ainda se realizar”. Para Aristóteles, o possível não é idêntico, nem contrário, ao necessário. Disso decorre, também, que ele não é contrário, nem idêntico, ao impossível.

⁷⁸ *Metafísica*, Θ, 4, 1047 b 6.

⁷⁹ SCHUHL, Pierre-Maxime. *Le Dominateur e Les Possibles*, p. 40.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho possibilitou ao leitor ter acesso a um texto que até então não havia sido traduzido para a língua portuguesa, bem como conhecer a visão de P.-M. Schuhl sobre o debate entre Aristóteles e os megáricos acerca do paradoxo do “Dominador” (κυριεύων λόγος).

As possibilidades criadas com a realização desta pesquisa são inúmeras, tanto na dimensão pessoal quanto científica. Pessoalmente, torna possível uma continuidade do mesmo assunto em um eventual mestrado ou doutorado, pois se trata do início de um projeto mais ambicioso, como se declarou na introdução. Pretende-se, no futuro, traduzir o livro completo, bem como explicá-lo e comentá-lo, assim como foi feito parcialmente neste trabalho. Intenciona-se também, em uma próxima etapa, após a elucidação aqui exposta das opiniões em conflito, fazer uma avaliação da consistência de ambas as posições e de seus argumentos, bem como do tratamento dispensado a essa questão por parte de outros filósofos e comentadores, pois será, então, viável tomar partido de forma bem estruturada, ou também enxergar a questão sob outros pontos de vista.

Cientificamente, as possibilidades são amplas, pois se trata de um tema que reverbera em vários outros campos da Filosofia e da Ciência, como a questão de qual o papel da Lógica na investigação científica, tendo influência em questões que ainda são calorosamente discutidas por acadêmicos, como o problema dos Futuros Contingentes. Ora, como dito na página 27 do desenvolvimento, há uma perspectiva sob a qual o possível e o necessário aparentemente se confundem, e isso é relevante para o problema da contingência do futuro. De fato, o debate entre Aristóteles e os megáricos oferece contribuições para melhor entender esta questão. Há ainda, não obstante, uma tentativa por parte dos megáricos de encontrar uma contradição no sistema aristotélico, como visto na página 30 do desenvolvimento. Caso isso ocorresse, seria de grande relevância para pesquisadores e historiadores da Filosofia, haja vista que grande parte da tradição filosófica ocidental tem as ideias de Aristóteles como base de sustentação.

Para os interessados na comunidade acadêmica, por fim, o acesso à tradução de um texto inédito em português, bem como a um comentário explicativo do mesmo, torna a aquisição de conhecimento mais prática, pois pesquisadores e filósofos, tanto de Aristóteles quanto dos megáricos, de paradoxos, da Grécia Clássica e de problemas filosóficos em geral, especialmente os que não têm domínio da língua francesa, poderão doravante se aprofundar um pouco mais e de forma mais rigorosa, haja vista que as explicações e os comentários facilitam o entendimento. Estes – os comentários -, por sua vez, com o auxílio da tradução, puderam ser

mais bem fundados e precisos, e poder-se-á avaliar as posições de forma mais clara e concisa, como se nota ao longo do desenvolvimento.

Pode-se concluir que o objetivo deste trabalho, anteriormente citado e esclarecido no 2º parágrafo da introdução, foi realizado com êxito. Qualquer leitor que se aventure por esta pesquisa terminará sua leitura um pouco mais informado sobre a discussão acerca do “Dominador”, bem como da obra de Schuhl. O capítulo “Desenvolvimento” fornece uma explicitação das posições, bem como os respectivos comentários, sem, contudo, tomar partido no debate, como foi estabelecido e informado na introdução, nas páginas 12 e 13. Isso não impediu, porém, que se verificasse certa fragilidade na acusação de Diodoro, como mostrado ao final da página 31 do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, **Metafísica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ARISTOTE. **Physique**. Paris: GF Flammarion, 2002.
- BOUTROUX, Émile. **Études d'histoire de la philosophie**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1908.
- CICERO, M. T., **Academicorum Reliquiae Cum Lucullo**. Leipzig: Otto Plasberg, 1908-1911.
- DIELS, H., **Die Fragmente der Vorsokratiker**. Berlin: Weidmannsohe Buchhandlung, 1879.
- FUCHS, A. M. S.; FRANÇA, M. N.; PINHEIRO, M. S. F. **Guia Para a Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HAMELIN, Octave. **Systeme d'Aristote**. Paris: Librairie Félix Alcan, 1920.
- LAÉRCIO, D. **Vitae Philosophorum**. H. S. Long. 1. Ed. Oxford: Oxford Press University, 1964. 2 volumes.
- MINAYO, M. C. de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- SCHIOCHETT, Daniel. **Ser e Verdade**, 2009, 145 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- SCHUHL, Pierre-Maxime. **Le Dominateur et Les Possibles**. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.